

Artes visuais

Editor: Luis Ernesto M. Kawall; Redator: Fernando C. Lemos; Críticas: Nelson Merlin

Bolsa de arte

BIENAL NACIONAL 74

ALMEIDA: Gloriosa, mista, 38 x 78	2.000,00
ALVES: Wilson, mod. ouro, papel onilina, tinta, pano, 29x29,4	6.000,00
ARAUJO: Paulo, óleo, 100 x 90	5.000,00
BRELL: mista, 81x60	1.000,00
BRIL: mista, 150x122, 1974	2.500,00
CARDOSO: José, inv. Mod., aço 250 x 100	7.000,00
CARO: CONVIVIO, esc. mod., 200x330x400	7.000,00
CESPEDES: MOURA, mista, 60x80	15.000,00
COSTA: Loc, nana, qovar, 60x50	2.000,00
CUNHA: Jzmye, mista, 140x62	2.000,00
DIAS: José, gravura, 76x56	800,00
FIGUEIRO: Leo, inv. lit., 70x50	1.500,00
GLASS: Jari, conv. qov, 52x61,5	300,00
GUELLEK: Clá, mista, 85 x 54	2.000,00
GUERRA: Celso, solido, 125x65	6.000,00
LACERDA: Carlos, desenho, 88x105	4.000,00
LUFFIG: Irene, óleo, 39x43	1.500,00
MAZZA: Márcia, 47 x 35	3.000,00
MEDeiros: Aderson, mista, 60x60	6.500,00
MEDeiros: Hefes, coril, 52x73	3.000,00
MENTEM: Paulo, opus-aura, sêrie, 1.500,00 (cada)	
MICHALANY: Class, inv. lit., 100x70	7.000,00
MORI: Emi, liquites-aprox, 195x130	6.500,00
NAKARUBO: M, sêrie, graf., 73x73	700,00
PAGNANO: Edgar, gravura, 102x120	7.000,00
PICKLER: Karoly, inv. inox, 250x80	30.000,00
RIBENBOM: R, inv. lit., 195x130	450,00
ROCHA: Edgar, Equi, sêrie, graf., material Impres., 500x500	30.000,00
RODRIGUES: Americo, sêrie, graf., 72x101	10.000,00
ROSSI: Alicia, gravura, 60x80	700,00
SHIRAI: Pops, equi-ferro, 50x60	1.000,00
SOUSA: Homolho, mista, 109x200	10.000,00
SOUZA: Lyra, acril, graf., 80x80	1.800,00
SOUZA: Paulo, mista, inv. lit., 100x100	250,00
SPELTRI: Ingra, tempera, 80x150	5.000,00
SUZUKI: Yukio, óleo, 127x127	8.000,00
TACCHI: Ana Maria, monom, sumi, equi, lapis cor, 50x65	1.000,00
CAFE: Vera, diversas, papel	1.000,00

(Artistas de S. Paulo)



O vieneses — coboclo em seu ateliê no Alto da Lapa.

Charoux premiado: a arte dos traços

Leithar Charoux é um papa-prêmio. Esse artista dos efeitos lineares como já o situou José Geraldo Vieira, acaba de ganhar o maior prêmio que se dá neste país a um artista: o Grande Prêmio de Arte Contemporânea, conferido pelo V Salão Paulista de Arte Contemporânea. Desde 1949, quando começou a mostrar seus trabalhos, Charoux vem ganhando prêmios um atrás do outro, numa seqüência fora do comum.

Quem teve a oportunidade de ver a retrospectiva de Charoux no Museu de Arte Moderna de São Paulo e do Rio de Janeiro, ou privar com esse pintor-desenhista, acompanhado sua evolução desde o período de aprendizado com Waldemar de Costa, vê com facilidade (já a partir de sua expressão mais ad-aptar-te de hoje ou op-Charoux, como disse Walter Zanini) uma coerência extraordinária.

As linhas puras, retas ou curvas, linhas despidas de artificios, simplesmente linhas, são, paralelas, concêntricas, cruzadas, horizontais ou verticais, são notadas desde os primeiros trabalhos e são cada vez mais nítidas e evidentes à medida que a mitação vai desascendo e despojando a obra de suas figuras.

A partir de 1945, quando pintou o retrato de Marcel Grassman, passando pela "Frutera" e "Abstração" de 1948, pelo geométrico trabalhado a mão-livre de 1949, pelo abstracionismo geométrico mais depurado e pela linha quase nua que atingiu em 1952, ainda sem os recursos da régua e do traço-linha — tudo é Charoux, tudo é unidade coerentemente a seu traço à linha que amarra num só volume trinta anos de arte.

O traço de Charoux pouco a pouco foi se voltando de sua rotação. Como um esquelito que se livra de suas carnes descompensadas por inércia ficando a nu, mostrando por inteiro formas puras, sem artimanhas e artificios, comes que na obra de Charoux nada acrescenta e tudo produzida.

Charoux é linha. Linha por ele mesma.

EQUILIBRIO

— Comecei como todo mundo querendo, pelo figurativo. Fiz tentativas nas áreas de expressão:

Dele disse o crítico Almeida Salles: Charoux já é um artista plenamente realizado e, desde o primeiro olhar, o acerto como um criador dotado de uma riqueza de expressão surpreendente. Nunca a anêdota, antes a sídria, nunca o fragmento cômico, antes a fide profunda da condição humana, nunca o humor, antes a captação de um fôlego resignado que envolve o quotidiano do mundo.

A exposição de Charoux inaugura em 20 de novembro e vai até 6 de dezembro.

na Alinda Patrick Galeria, expõe o artista nordestino Pierra Chaila, que tem exposto no país no exterior. Ele mora atualmente em Maciê e expõe na Bienal.

Op-art de Leithar Charoux, em dois trabalhos recentes

Campello: autodefinição

Mário Campello é baiano de Salvador, nascido em 1941. Iniciou sua carreira de pintor em 1961, depois de estudos na Escola de Belas Artes da Bahia. Este ano expôs seus trabalhos — o gênero naïf — na Feira Internacional de Arte, em Dusseldorf, Alemanha, e no Salão de Arte Contemporânea de Paris. Em nosso país realiza atualmente sua décima segunda exposição individual, na Galeria Documenta. Além disso, participou de várias feiras, aqui e no exterior.

Mário Campello seu auto-define, num texto claro e enuto: Desde criança manifestei tendências artísticas, tendo estudado música, e posteriormente ingressando na Escola de Belas Artes da Bahia.

Profissionalmente minha carreira artística iniciou-se em 1962, com a primeira exposição no IRL (Instituto Cultural) — Brasil-Alemanha, a convite de Adam Firnekaier.

No início pintava figuras isoladas, e acredito hoje ter conseguido colocá-las em uma paisagem onírica, de atmosfera de surrealismo romântico.

Acho muito difícil um artista falar sobre seu trabalho sem antes fazer o que ele faz. Não há possibilidade de que o espectador possa dar vazão à sua imaginação e criatividade. Para mim, pintura deve ser feita e não dita. Difícilmente um artista consegue agradar a todos os gostos. Quando pinto, deixo que o meu mundo interior seja transportado para as telas, e com isso espero dar um pouco de devaneio àqueles que se deixam pressionar pelo quotidiano.

Me incomodo muito em ver arte rotulada, pois acho que todos nós temos o direito de mudar na hora em que sentimos necessidade, pois acredito que qualquer manifestação artística deve ser observada e pesquisada, para que mais tarde possa se transformar em uma realidade.

Sobre críticas à sua pintura, rotulada de excessivamente refinada, Campello responde: Uma pintura livre do crítico Walmir Ayala, de junho de 1974, quando de sua última exposição no Rio de Janeiro. Diz o artista que o crítico cartouca, melhor do que ninguém, responde por ele, situando sua pintura "com critério e a filosofia que sempre desejei dar". O texto de Walmir Ayala é este:

Um extenso capítulo da arte indígena, tem um valioso parâmetro com os nomes de artistas que, elaboradamente, fixam um cenário através do qual podem dar vazão a um certo natural paradisíaco de interpretação da realidade. Em São Paulo, temos, portanto, o fascinante do baiano Mário Campello que, sem se prender a nenhuma regra, ilumina com um mundo misterioso e em permanente latência de metamorfoses. A figura deste pintor, cujo decorativo atinge as raízes da invenção, mantém seu clima observativo de perfeito e afluente positiva, metálica sem dúvida de um conceito de vida e de uma meta humana. Nada ali está corrompido ou desfeito, nenhuma folha tende a fenececer, tudo cintila esplendorosamente. Poucas vezes tem trazido ao Rio de Janeiro as amostras de seu dia-a-dia transpassado de uma luz quase excessiva, daí a oportunidade que a Galeria Verissimus nos dá de reter, no momento, nenhuma obra que não seja um exemplo de um caminho respeitável da pintura brasileira. Um caminho menos ideológico e mais sensível em seu imediatismo de factum visus, uma pintura que repousa na ambição de perfeccionismo de suas minúcias, de sua reflexão sobre o sonho e o clima prodigioso de paisagem imaginárias. Uma exposição para ser profundamente respirada, com a sugestão de refrigério e sorridente estação solar.

Campello, surrealista romântico

Mostra revitaliza cordel e xilogravura

Doze mil xilogravuras e 60 mil folhetos do romance popular do Nordeste vão ser apresentados a partir de terça-feira, às 21 horas, na Petite Galerie, em São Paulo. Na mostra, de evidente importância sócio-cultural, o público poderá adquirir as gravuras (dez a 10 cruzeiros) e os folhetos de cordel (dez cruzeiros cada maço de 5). A exposição é iniciativa do "marchante" Carlos Hamilton de Recife, proprietário da Galeria Maná, que tem como artistas exclusivos Virgolino, Fernando Lopes e Alcides Santos, entre outros — e da Editora Guariba, especializada na edição de obras assinadas por Ariano Suassuna, Dilla, Brenand, Hermínio Borba Filho, Soraia e cultura popular nordestina.

A mostra "Arte do cordel" é itinerante: veio da capital pernambucana para Brasília, onde, na Fundação Cultural do Distrito Federal, está montada desde o começo do mês, com sucesso de público e de crítica. Em São Paulo ficará até o final do mês, e em seguida irá para o Rio, na Petite Galerie carioca.

Carlos Hamilton — juazeiro que abandonou a profissão para se dedicar ao mercado da arte — espera vender cerca de 100 mil folhetos de cordel nas

três mostras de Brasília, São Paulo e Rio, e milhares de xilogravuras populares, numa prova evidente de que o público sulino se interessa pela literatura popular. Também colecionadores de folhetos de cordel, comprando os dos poetas, cantores, folhetos nos estilos populares. Com isso, evita sua extinção e incentiva a literatura popular, ameaçada de desaparecer pelo avanço do rádio, televisão e outros meios de comunicação no Nordeste.

"Arte do cordel" tem a seguinte apresentação de Hermínio Borba Filho: "Por todo o Nordeste brasileiro, ferreiros, calunias de cambalão, bolideiros, agardenteiros, feitores, vaqueiros, flecheiros, esquadreiros, bombeiros, trabalhadores do óleo, cassacos, camareiros, são ou foram cantores de folhetos, as histórias de amor e morte, canção e herosmo, picantes e satíricas, de circuncisão ou fantásticas que há séculos constituem a sua literatura: a de cordel. Eles convivem com duques, princesas, dragões, pastores misteriosos, bois encantados, amores românticos, canceiros, demônios, crenças, terras estranhas, recriadas em versos e gravuras na realização do mais exótico realismo-mágico de que se tem notícia."



Três folhetos do legítimo cordel nordestino

Romance do Nordeste

ARIANO SUASSUNA

A poesia popular do Nordeste pode ser dividida em dois grandes gêneros: — a literatura de Cordel, dos "folhetos" e a Poesia Improvisada dos "repentes" e "cantorias". O cordel é a forma originada do folclore, mas tem, hoje, uma fisionomia própria, inclusivo pela rica variedade das formas de estrofe usadas nele. Dessas estrofes, as mais usadas são a "sextilha", a "dúzia de dez sílabas" e o "martelo entrelaçado", que é uma dúzia de dez sílabas e cuja estrutura, original do Nordeste, se baseia entrelaçando na "dúzia de dez sílabas usada no Século de Ouro brasileiro".

Tanto nos "folhetos" da Literatura de Cordel como nas "cantorias" da Poesia Improvisada, são essas as estrofes mais importantes, estendidas ainda, porém, o "mourão", o "galope à botear", o "martelo bobado" — que é uma sextilha de dez sílabas — e outras formas menos importantes. Entretanto, apesar de estarem se tornando mais raras, ainda encontramos, no Sertão e na Zona da Mata alguns "romances" líricos ou heróicos, compostos na forma romântica e cantados pelo povo, que mantêm essa sobrevivência graças na memória coletiva e que os chama quase sempre de "cantigas velhas".

"A cantoria", ou "desfio", é a forma usada para a Poesia Improvisada das Cantorias, e varia em ponto, improvisada, às vezes durante toda uma noite, à maneira dos "amadores" provinciais. Para mim, o que existe de melhor em tais desafios, são os versos jocosos, satíricos, cômicos: "Vá lá buscar um carneiro que seja mocho e pelado, com uma cauda na testa, com os quatro pés marchados, de rabo branco e comprido e com o couro do pescoço Meu colega, me desculpe, você errou o roteiro. Vá botar um cavalo, vá procurar no terreiro: encontrado como esse, o feio do ped-chiqueiro."

Alida, esse tom satírico reaparece, também, na Literatura de Cordel nos "folhetos" compostos, impressos e vendidos nas feiras. Os ciclos principais desses Romances impressos podem ser agrupados em dois grandes gêneros: o ciclo marrom-viloso; ciclo religioso e de moralidades; ciclo cômico, satírico e pícaro; ciclo histórico e circunstancial; ciclo de amor e fidelidade.

No ciclo cômico, satírico e pícaro é que as especificidades aparecem, e aqui me lembro com jocosos que já mostro na Poesia Improvisada. Como exemplo, o folhetista às vezes chega ao obscuro, fazendo o seguinte: "O Alferes pegou do rifle, ficou o mundo tinto; era o dedo amolegado e o fumaceiro cobrado, batendo as baías em Vila, vilando pra trás, zuriado. As vezes, porém, no ciclo heróico, no meio de um romance épico — ou em que se misturam o épico e o maravilhoso, como é o caso de Lempio no

Inferno" — aparece o canceiro heróico, como se fosse um Sansão arrastado, armado com uma cabeça de boi para massacrar seus inimigos; e o "Cantador" aproveita isso para misturar no tom heróico o elemento cômico, como no seguinte verso de sete pés: "Lampião! Deixe-se de saber clássico, uma caveira de boi. Saúda na testa dum, mas se for feio, Olí! Alida correu dez braças e caiu enchendo as calças, mas eu não sei do que foi! Em referência ciclo cômico, satírico e pícaro, como "A Desventura de um Corvo Gansoloso", que parece nome para um conto de Boccaccio. O que, aliás, não é de admirar, pois encontramos, no Romancismo nordestino, verdadeiramente "verdadeiras" "Histórias de Don Quixote", tiradas do "Decamerão", e a "História de Romeu e Julieta".

No ciclo do maravilhoso encontramos histórias que são verdadeiras "Histórias de João Cabral de Calor de Figo", assim como todas as "pelejas" que o Dabo apronta.

"O Romance do Pescador que Tinha Fé em Deus" é do ciclo religioso e de moralidades, ao qual pertencem, também, o "Exemplo dos Quatro Conselhos".

No ciclo histórico e circunstancial agrupam-se os comentários dos poetas populares aos acontecimentos impressionantes do dia: é o caso do folheto "A Revolução do Presidente Rêno Quadros" ou de "A Lamentável Morte do Presidente Getúlio Vargas".

A importância do Romancismo Popular do Nordeste é imensa e o reconhecimento desse fato cresceu desde o Quando não sua forma, seu espírito está presente na melhor Literatura erudita nordestina, bastando citar como exemplo disso os romances de José Lima do Rego, Hermínio Borba e João Cabral de Melo Neto. O mineiro João Guimarães Rosa ligou sua obra diretamente das sobrevivências mineiras à literatura lírica e indiretamente à nossa Literatura de Cordel, desenvolvendo, assim, suas quatro notas para mostrar como esse Romancismo e os espetáculos populares do Nordeste são importantes para se entender a Arte nordestina, a brasileira e até o próprio Brasil. É com a "História de Carlos Magno e os Doze Pares de França" e outros maravilhosos Romances medievais, assim como com histórias arturianas, drácas etc., o Romancismo nordestino é uma espécie de ponte de ligação entre o passado medieval, lírica e do Norte da África, e o Povo brasileiro de hoje. Na sua Poesia, encontramos "dúzias" quase surrealistas, como esta: "No tempo em que os ventos saís fúteis, os estragos gerais, fe barbaças nos quintais, semeel cravos azuis, não se assustam, amarelos como telas, Prometi a Santo Lázaro, quando lá for, com muito jeito e amor, em uma taxa de voto, ou então aparecer, 'martelo' como este: Quando as tripas da maré não se agitam os metais derritados se confundem e os escuros diamantes que se fundem das crateras ao se precipitam. As vulcânicas ondulações que vomitam, grossas bagas de ferro incandescente, em redós detendo vácuo agulhadas, só com o som da viola que me ajuda: tremo o sol, tremo a terra, o tempo misto, eu contendo o Martelo Agulhadas. É um Romancismo que tem versos como estes, não precisos de mais nada para mostrar sua importância.

Os gravadores vêm ao sul

Inocêncio da Costa Nick (Meztra Nua) — Pernambuco de 1929, nasceu em Caruaru, carpinteiro, fabricante de brinquedos, poeta, gravador, impressor e editor de folhetos. Publicou seu primeiro folheto em 1965. Em 1973 teve um álbum seu editado com 10 gravuras de grandes dimensões, com texto de Ariano Suassuna.

José Costa Leite — Nasceu na Paraíba em 1927. Poeta, vendedor de folhetos e editor. Hoje vive em Pernambuco. Ele diz: "Entre no ramo da poesia em 1947". Atualmente já tem cerca de 100 folhetos publicados e a pretensão de fazer gravuras próprias.

Expulso do Brasil por causa de um romance, nasceu em Juazeiro do Norte, Ceará, em 1928. Poeta, impressor, chapista, compositor de música e etnólogo. Em 1948 escreveu seu primeiro folheto, "Confecção horroscópica desde ganhando satisfatoriamente". Faz as gravuras que ilustra seus folhetos.

Juá Soares da Silva (Dilla) — Nasceu em Curitiba em 1927. É autor de mais ou menos 20 folhetos, entre eles "Camões e rei mágico", que teve mais de 60 mil exemplares. Coloca 12 cruzeiros por um clichê de madeira. É editor de folhetos, fabricante de rótulos para bebidas e de carimbos.

Inocêncio da Costa Nick (Meztra Nua) — Pernambuco de 1929, nasceu em Caruaru, carpinteiro, fabricante de brinquedos, poeta, gravador, impressor e editor de folhetos. Publicou seu primeiro folheto em 1965. Em 1973 teve um álbum seu editado com 10 gravuras de grandes dimensões, com texto de Ariano Suassuna.



De Fiore na Cosme Velho

Ernesto De Fiore, artista italiano, naturalizado alemão, que se radicou no Brasil desde 1937, fez sua mostra retrospectiva, incluindo desenhos e esculturas, na Galeria Cosme Velho, a partir do dia 20, às 21 horas.

Domingo próximo, num trabalho especial, "Artes visuais" publicará artigo de Arthur Octávio C. Figueiro sobre o importante pintor e escultor, cuja obra e ensinamento influenciou artistas brasileiros.

"Artes visuais" publicará também, no mesmo dia, uma crítica de Harry Laus sobre os desenhos de Gerda Brentani, atualmente expostos na Galeria Bonfiglioli. Laus abordará o humor da artista através do ponto de vista do realismo cotidiano.

Oléo de De Fiore

Cienfuegos no Ateliê

Gonzalo Cienfuegos Browne 25 anos, é chileno de Santiago onde estudou arquitetura (não concluiu o curso) e belis artes. Neste ano de 1974 já expôs no México, em Buenos Aires, em San Pedro (Argentina) e agora está em São Paulo na galeria Alcega (alameda Itaipu).

Dele disse o crítico Almeida Salles: Cienfuegos já é um artista plenamente realizado e, desde o primeiro olhar, o acerto como um criador dotado de uma riqueza de expressão surpreendente. Nunca a anêdota, antes a sídria, nunca o fragmento cômico, antes a fide profunda da condição humana, nunca o humor, antes a captação de um fôlego resignado que envolve o quotidiano do mundo.

A exposição de Cienfuegos inaugura em 20 de novembro e vai até 6 de dezembro.

na Alinda Patrick Galeria, expõe o artista nordestino Pierra Chaila, que tem exposto no país no exterior. Ele mora atualmente em Maciê e expõe na Bienal.

Op-art de Leithar Charoux, em dois trabalhos recentes

Campello: autodefinição

Mário Campello é baiano de Salvador, nascido em 1941. Iniciou sua carreira de pintor em 1961, depois de estudos na Escola de Belas Artes da Bahia. Este ano expôs seus trabalhos — o gênero naïf — na Feira Internacional de Arte, em Dusseldorf, Alemanha, e no Salão de Arte Contemporânea de Paris. Em nosso país realiza atualmente sua décima segunda exposição individual, na Galeria Documenta. Além disso, participou de várias feiras, aqui e no exterior.

Mário Campello seu auto-define, num texto claro e enuto: Desde criança manifestei tendências artísticas, tendo estudado música, e posteriormente ingressando na Escola de Belas Artes da Bahia.

Profissionalmente minha carreira artística iniciou-se em 1962, com a primeira exposição no IRL (Instituto Cultural) — Brasil-Alemanha, a convite de Adam Firnekaier.

No início pintava figuras isoladas, e acredito hoje ter conseguido colocá-las em uma paisagem onírica, de atmosfera de surrealismo romântico.

Acho muito difícil um artista falar sobre seu trabalho sem antes fazer o que ele faz. Não há possibilidade de que o espectador possa dar vazão à sua imaginação e criatividade. Para mim, pintura deve ser feita e não dita. Difícilmente um artista consegue agradar a todos os gostos. Quando pinto, deixo que o meu mundo interior seja transportado para as telas, e com isso espero dar um pouco de devaneio àqueles que se deixam pressionar pelo quotidiano.

Me incomodo muito em ver arte rotulada, pois acho que todos nós temos o direito de mudar na hora em que sentimos necessidade, pois acredito que qualquer manifestação artística deve ser observada e pesquisada, para que mais tarde possa se transformar em uma realidade.

Sobre críticas à sua pintura, rotulada de excessivamente refinada, Campello responde: Uma pintura livre do crítico Walmir Ayala, de junho de 1974, quando de sua última exposição no Rio de Janeiro. Diz o artista que o crítico cartouca, melhor do que ninguém, responde por ele, situando sua pintura "com critério e a filosofia que sempre desejei dar". O texto de Walmir Ayala é este:

Um extenso capítulo da arte indígena, tem um valioso parâmetro com os nomes de artistas que, elaboradamente, fixam um cenário através do qual podem dar vazão a um certo natural paradisíaco de interpretação da realidade. Em São Paulo, temos, portanto, o fascinante do baiano Mário Campello que, sem se prender a nenhuma regra, ilumina com um mundo misterioso e em permanente latência de metamorfoses. A figura deste pintor, cujo decorativo atinge as raízes da invenção, mantém seu clima observativo de perfeito e afluente positiva, metálica sem dúvida de um conceito de vida e de uma meta humana. Nada ali está corrompido ou desfeito, nenhuma folha tende a fenececer, tudo cintila esplendorosamente. Poucas vezes tem trazido ao Rio de Janeiro as amostras de seu dia-a-dia transpassado de uma luz quase excessiva, daí a oportunidade que a Galeria Verissimus nos dá de reter, no momento, nenhuma obra que não seja um exemplo de um caminho respeitável da pintura brasileira. Um caminho menos ideológico e mais sensível em seu imediatismo de factum visus, uma pintura que repousa na ambição de perfeccionismo de suas minúcias, de sua reflexão sobre o sonho e o clima prodigioso de paisagem imaginárias. Uma exposição para ser profundamente respirada, com a sugestão de refrigério e sorridente estação solar.

Campello, surrealista romântico

Trabalho do artista chileno

RECOMENDAMOS: Bienal Nacional, Parque Ibirapuera; Panorama de Arte Atual Brasileira, Museu de Arte Moderna; Desenho Brasileiro, Museu de Arte Contemporânea, Campinas; Belle Époque, Museu Lasar Segal; John Gray, Miguel dos Santos, Regina Cavalcanti, Museu de Arte de S. Paulo; Artistas de renome, Clube dos Amigos de Arte, Tarxila, década de 20, Gabinete de Arte; Noémia Mourão, Escritório de Arte Renato Magalhães Gouveia; "Artes", jornal, relançamento, diretor, Carlos von Schmidt.